

EMPURRAR O CÉU, CRIAR MORADA

NITA MONTEIRO



CURADORIA ANA CARLA SOLER

CHRISTAL
GALERIA

“Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo,
é só empurrá-lo e respirar”.

Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*

Nita Monteiro é uma narradora de mundos. Sua habilidade com a costura é um gesto de intimidade que cultiva com as linhas. Constrói histórias elaboradas em cada uma de suas obras, como se cada peça compusesse um capítulo visual inteiro. É nesse processo de expressar-se que resgata a sua própria história, mas, para contá-la, encontra — e cria — trechos que são comuns a todos. Assim, a partir de trabalhos de superfícies tramadas, instalações, assemblages e desenhos, nos permite contemplar uma biografia ficcional têxtil repleta de afeto.

Na exposição *Empurrar o céu, criar morada*, apresenta uma série de projetos que exploram sua simbologia singular e em contínua evolução. Por meio de objetos encontrados e tecidos recolhidos, ela ressignifica suas presenças, desenvolvendo composições que homenageiam as marcas, trincas, riscos e manchas que só um objeto repleto de passado pode ter. Ao fazê-lo, articula vínculos entre o mundo material e o imaterial, entre o coletivo e o íntimo, entre o doméstico e o estrangeiro. As peças expostas beiram o fantástico, sugerindo a força dos saberes ancestrais, das relações interpessoais e de um contexto contemporâneo em acelerada transição.

O título da mostra é homônimo da série de três desenhos (2024) nos quais artista concebe meios de conexão entre a Terra e o céu. Neles, fenômenos naturais e o meio ambiente atuam como pontes de acesso entre esses dois planos. Nesse horizonte de eventos, como um infinito de possibilidades, ela nos conduz a novos começos. Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), compara o ato de “empurrar o céu” a uma espécie de tai chi chuan, arte marcial chinesa milenar que combina movimentos lentos e fluidos com respiração controlada e atenção plena. Ali, evoca-se a ideia de um fluxo consciente e meditativo, que equilibra as forças internas (chí) e intenciona gerar harmonia com o espaço externo. Da mesma forma, também podemos abrir uma chave de leitura sobre o gesto de Nita Monteiro em sua pesquisa.

Achadouro (2024-2025) é sua mais recente instalação, composta por dezenas de assemblages confeccionadas com tesouros que encontra e recolhe pelo caminho, como uma antiga saboneteira da casa de sua avó, fotos antigas de sua família, santinhas em miniatura ou azulejos descartados. Nesse conjunto, presenciamos sua habilidade inerente de olhar para o mundo como um grande baú repleto de preciosidades. Nele, atua como uma colecionadora, selecionando e montando sua própria organização de cosmos.

Também fazem parte da exposição três trabalhos inéditos, finalizados durante sua residência artística na Oak Spring Garden Foundation, na Virgínia, EUA.

Já é noite na casa do sol (2025) e *A caçada do coelho* (2025) têm como matéria-prima uma espécie de “saco de dormir” usado quando ela era

recém-nascida. Essas relíquias, guardadas por sua mãe, recebem interferências poéticas, bordados e colagens de imagens de uma revista do final dos anos 1990 que ensina como produzir enxovais de bebê. Esses objetos, costurados na intenção de proteger e acolher um corpo recém-chegado ao mundo, ganham nova vida como paisagens simbólicas, onde o tempo não é linear, mas tecido, colado, bordado.

A série *Tesourinhos* (2025), apresenta um conjunto de miudezas desenvolvidas com fragmentos de bordados, rendas e detalhes de peças de roupa de quando Nita era bebê, complementados com elementos do ambiente doméstico e patches antigos que eram usados para decorar roupas de crianças. São pequenas cápsulas do tempo. Ali, faz uma arqueologia do íntimo e opera numa camada artística profundamente ligada à memória sensível e à materialização de vínculos emocionais que resistem ao esquecimento.

No corpo de obras de Nita Monteiro, “empurrar o céu” é alargar o tempo e nele fazer caber o espaço de uma vida. O cuidado, a criação e os afetos são práticas de resistência e de construção de identidade. Produzir modos de permanência, não apenas para seus próprios objetos guardados ao longo da vida, mas para centenas de partes minúsculas que o mundo ao seu redor descarta como algo sem valor, é uma forma de dizer que o que é pequeno também sustenta o céu.

Ana Carla Soler
Curadora





Achadouro, 2024-2025

Instalação contínua composta por objetos e fragmentos diversos provenientes do ambiente doméstico.

Todos os artefatos apresentados na instalação foram colecionados pela artista ao longo da vida de diferentes formas: adquiridos em viagens, garimpados em brechós, herdados de familiares, recebidos como presentes ou doações, ou encontrados em caçambas de obras, praias e trilhas.

300 x 412 cm (nessa montagem)







Tesourinhos: É Domingo de Festa, 2025

Instalação composta por fragmentos e bordados retirados do enxoval de bebê da artista, recortes de papel retirados da revista "Linhas & Pontos" nº24 - março de 1999, artes de toalhas de mesa bordadas, fragmentos de azulejo, saleiro, miçangas, rendas, objetos decorativos (cavalo, dois patinhos e uma carruagem), borboleta de tecido retirada de tela de autoria desconhecida.

100 x 80 cm



Mesa de jantar, 2025

Tecidos variados, Tapeçaria Gobelin, fragmentos de pintura de autoria desconhecida, miçangas e bordados sobre toalha de mesa bordada usada, manta de algodão e dois puxadores de gaveta.

80x80cm







Biquinha, 2025

Recortes de papel retirados da revista “Linhas & Pontos”, nº 24 — março de 1999, pomba de madeira retirada de um adorno de porta, partes de toalha de renda, partes de bordados retirados de toalhas de mesa, fragmentos de azulejos, fragmentos de pires e suporte de madeira.

26x17cm



A cozinha varrida de tigela, 2023

Panos de prato e limpeza usados, partes de uma pintura de autoria desconhecida adquirida em brechó, parte de um cartão postal Thames & Hudson, cacos de louças, cesto de bambu pertencente à artista, partes de um bordado mexicano de uma bolsa pertencente à artista, miçangas e bordados.

O título da obra é uma frase retirada do poema “A Verdade Histórica” de Ana Luísa Amaral.

63cm (diâmetro)





Fazenda Santa Terezinha, 2024-2025

Tecidos variados, partes de uma cortina, miçangas, fragmentos de cerâmicas e conchas coletados em diversos lugares, bordados e pintura com barro sobre colcha usada.

177x110cm











Já é noite na casa do sol, 2025

Partes de saco de dormir e roupinha de quando a artista era bebê, recorte de papel retirado da revista "Linhas & Pontos", nº 24 — março de 1999, partes de toalha de mesa bordada, parte de um pano de prato, renda, recortes de ilustração em papel de autoria desconhecida, fragmentos de azulejo, miçangas, bordados, varão, suporte de cortina e ponteiros.

31x85cm





A caçada ao coelho, 2025

Partes de saco de dormir e roupinha de quando a artista era bebê, recorte de papel retirado da revista "Linhas & Pontos", nº 24 — março de 1999, partes de toalha de mesa bordada, rendas, recortes de papel de parede, miçangas, bordados, varão, suporte de cortina e ponteiras.

31x88cm





Empurrar o céu, criar morada
Ato 01, 2024

Lápis de cor e grafite sobre papel
Fabriano 300g 50% algodão.

31x23cm





**Empurrar o céu, criar morada
Ato 02, 2024**

Lápis de cor e grafite sobre papel
Fabriano 300g 50% algodão.

31x23cm





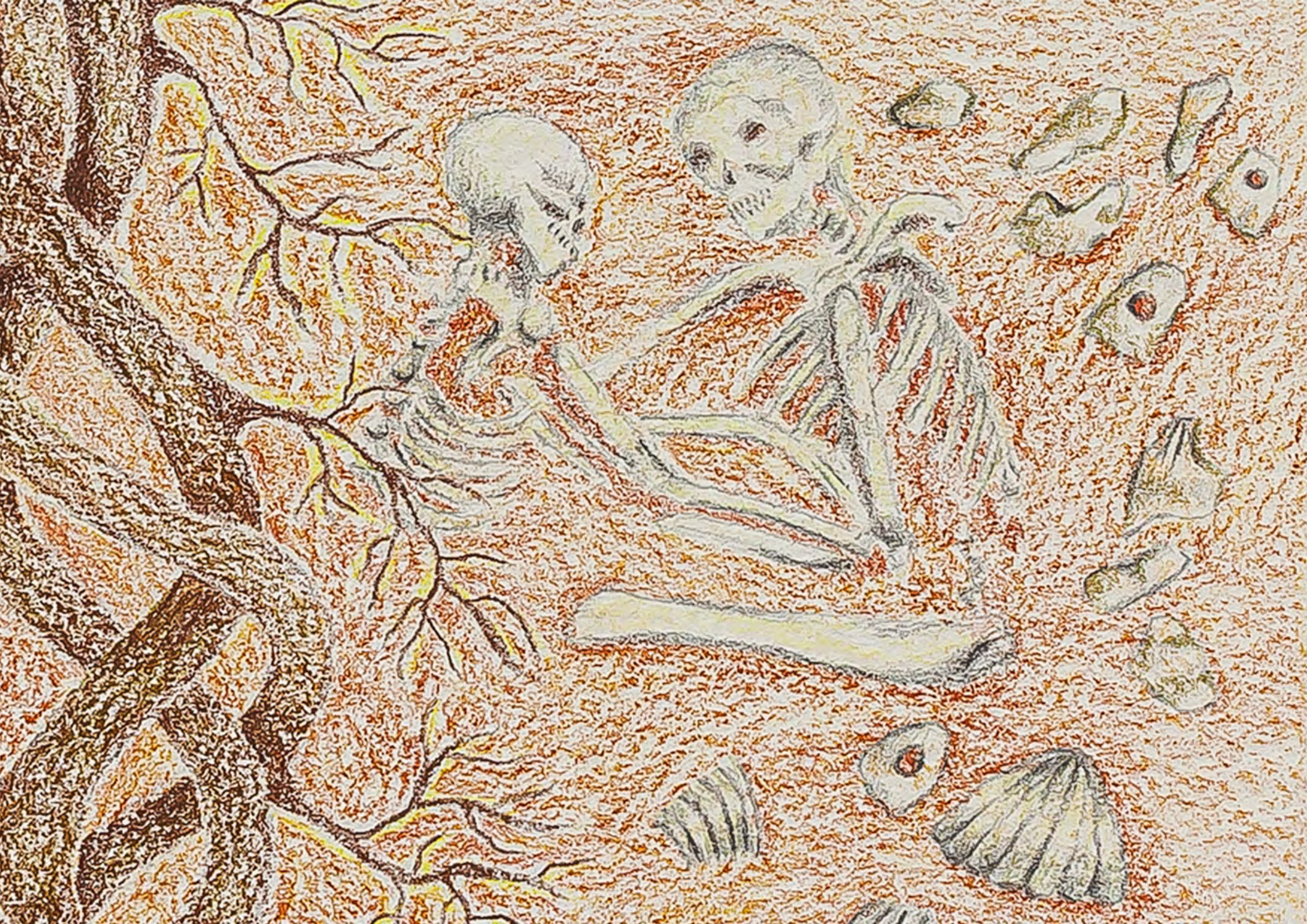
Empurrar o céu, criar morada
Ato 03, 2024

Lápis de cor e grafite sobre papel
Fabriano 300g 50% algodão.

31x23cm









NITA MONTEIRO

Artista visual, nascida em Volta Redonda (RJ) em 1990 e criada em Angra dos Reis (RJ), atualmente vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Sua prática artística se dedica à investigação dos materiais que habitam o espaço doméstico, afetivo e cotidiano. Os fragmentos de objetos presentes em suas obras são tratados não como simples objetos, mas como resquícios de consciência, testemunhos da vida familiar e guardiões de memórias e histórias.

A partir desses materiais e outros elementos têxteis, a artista ressignifica, recompõe e cria novas narrativas como uma forma de ficcionalização da vida, entrelaçando histórias ouvidas e vividas, ciência e mito, passado e presente. Ora, são criadas realidades fantásticas, ora, ficções biográficas, sempre buscando estabelecer uma ponte entre passado e presente, permitindo que narrativas possam ser reimaginadas.

Formada em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Abriu sua primeira exposição individual intitulada “Seja Bem-vindo. Se vier por bem, pode entrar”, no MARP (Museu de Arte de Ribeirão Preto). Recebeu o Prêmio Aquisição no 49º SARP e o prêmio honorífico no 18º Salão Ubatuba de Artes Visuais. Participou da Contextile - Bienal de Arte Têxtil Contemporânea em Portugal e de exposições em instituições como o Museu da Inconfidência, Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu Victor Meirelles, Centro Cultural Banco do Nordeste, entre outras. Realizou residências artísticas no Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto, na Casero e na Córte Frontal, em Portugal. Em 2025, integrará o programa de residências da Oak Spring Garden Foundation nos Estados Unidos.

EXPOSIÇÃO

Empurrar o céu, criar morada

ARTISTA

Nita Monteiro

CURADORIA

Ana Carla Soler

PRODUÇÃO EXECUTIVA
E REALIZAÇÃO

Christal Galeria

PARCERIA

Desapê

FOTOGRAFIA

Filipe Bernt

MONTAGEM

Rafael Calixto



Travessa Dona Paula, 108 - Casa 7 - Higienópolis - São Paulo - SP

R. Estudante Jeremias Bastos, 266, Pina - Recife - PE

Tel: + 55 81 3072-5736 | Whatsapp: + 55 81 98952-7183

Email: contato@christalgaleria.com.br

Acesse nossas redes clicando nos ícones:

